

100 anos em 100 filmes: montagem em Valêncio Xavier

RESUMO

Thiago Moreira Marques
th-marques@hotmail.com
Universidade Federal do Paraná (UFPR),
Curitiba, Paraná, Brasil.

Este artigo analisa *100 anos em 100 filmes*: escritos sobre cinema, coletânea de textos escritos por Valêncio Xavier para o jornal *Gazeta do Povo* em 1995, por ocasião da celebração dos 100 anos da primeira exibição pública de cinema pelos Irmãos Lumière. Mesmo que tenham sido publicados em datas diferentes e façam sentido separadamente, os textos foram analisados de modo a evidenciar uma possível organização que os torne uma única obra, coesa e literária. Buscou-se, então, esse possível eixo temático que permeia a obra *100 anos em 100 filmes*. A metodologia considerou a quantidade de vezes que termos relativos ao mundo do cinema (direção, fotografia, roteiro, elenco, música, montagem e trilha sonora) apareceram ao longo das resenhas e fichas técnicas, de modo a precisar um possível fio condutor que ligasse os mais de 100 escritos da coletânea. Por fim, devido a sua recorrência, foram utilizados os conceitos de montagem e colagem para analisar os textos de Valêncio Xavier. Ao utilizar montagem constantemente em seus escritos, o autor concebe um metalivro, que trata de montagem utilizando da técnica da montagem, deixando evidente tanto o Valêncio autor quanto o Valêncio cineasta, crítico e apaixonado por cinema.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Cinema. Montagem. Colagem. Resenha crítica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo buscou pontuar um eixo temático que ligasse as 100 resenhas críticas de filmes escritas pelo autor paranaense Valêncio Xavier para o jornal *Gazeta do Povo* em 1995, em ocasião da celebração dos 100 anos da primeira exibição pública de cinema. Defendo que é possível entender os 100 textos de Valêncio Xavier como uma única obra, mesmo que originalmente não o fosse. Usei, para a pesquisa, a coletânea desses textos organizada pela professora e pesquisadora Maria Salete Borba, lançada pela editora da UFSC no ano de 2020 e disponível gratuitamente em formato pdf. O link para download se encontra nas referências, ao final do texto.

É muito natural associarmos o cinema e suas tecnologias ao século XX, afinal, foi um meio que nasceu (nos últimos anos do século XIX, mais precisamente), se popularizou e amadureceu ao longo desses 100 anos. As mudanças pelas quais passou (e ainda passa) o cinema são inúmeras e englobam tanto os métodos e técnicas utilizadas para sua produção, quanto a maneira que o público aprecia a tal da sétima arte. A transição do cinema mudo para o cinema falado; do preto e branco ao colorido; da sala de cinema para o VHS e a videolocadora; kineoscópio, computação gráfica, fundo verde, montagem, efeitos especiais, edição são apenas alguns dos exemplos das tecnologias utilizadas e proporcionadas pelo fazer cinematográfico. Também variados são os gêneros englobados por essa mídia: documentário, drama, comédia, terror, mockumentary, épico, faroeste; enfim, seria possível ocupar páginas e mais páginas apenas listando os diferentes gêneros, as diferentes tecnologias e os diferentes termos relativos ao campo semântico da sétima arte.

Óbvio que não fui o único a me ocupar em texto desse mais de um século de vida do cinema: dada sua acessibilidade e popularidade, tanto teóricos e estudiosos como curiosos e apaixonados escreveram e escrevem sobre o tema. Entre estes últimos, temos nomes, de outras áreas do conhecimento, mundialmente reconhecidos que já comentaram sobre cinema menos como teóricos do que como apreciadores: Jorge Luis Borges, certa vez, comparou os filmes de faroeste ao gênero literário épico; Slavoj Žižek, por sua vez, dá exemplos de ideologia reacionária em filmes hollywoodianos, como *Titanic*, *Avatar* e *a Noviça Rebelde*. Esses dois autores – um ficcionista, o outro filósofo – são dois exemplos dentre muitos escritores que pensam (ou pensaram) o cinema, mesmo que fora dele.

Há, também, aqueles que, apesar de se destacarem em outra área, são também cineastas: é o caso de Valêncio Xavier. Mesmo lembrado como autor de uma literatura muito única, o paulista que, de tanto morar e escrever literatura em Curitiba é considerado um autor paranaense, também produziu e dirigiu curtas e longas metragens. Importante ressaltar, também, como a obra literária de Valêncio Xavier é permeada por elementos comuns à narrativa cinematográfica: seus livros, muitas vezes, são compostos por montagens de frames de filmes, recortes de jornais, publicidades de um tempo que não existe mais: um exemplo é a novela *Maciste no inferno*, que apresenta diversos frames do filme homônimo lançado em 1925, acompanhados das impressões de um narrador/espectador que “monta” uma trama enredando os acontecimentos do filme com os acontecimentos de sua vida. Por mais contrastantes que pareçam esses textos de

mídias tão distintas, todos colaboram para a construção de uma única narrativa, compondo assim uma das marcas registradas de Valêncio Xavier.

Além da literatura e do cinema, Valêncio Xavier também se ocupou do jornalismo. Arrisco também dizer que, assim como o Valêncio Xavier literato estava permeado pelo cinema, o Valêncio jornalista também estava permeado pela literatura e pela linguagem cinematográfica. Um exemplo dessa convergência de diferentes linguagens é a coleção de textos escritos para o jornal paranaense *Gazeta do Povo* em 1995 intitulada 100 anos em 100 filmes. Ao longo de vários textos publicados no Caderno G (caderno cultural do periódico), Valêncio Xavier resenha mais de 100 filmes, alguns livros sobre cinema e até escreve sobre os 80 anos do músico Frank Sinatra. Toda essa produção para comemorar os 100 anos do cinema, mais precisamente os 100 anos da primeira exibição pública do cinema, realizada em Paris, 1895, pelos irmãos Lumière. Um dos filmes exibidos fora *A chegada do trem na estação*, resenhado, inclusive, por Valêncio nos textos para a *Gazeta*. Além dos muitos clássicos do início da história do cinema, como o já citado filme da locomotiva, *O encouraçado Potemkin*, *Viagem à lua*, *Cidadão Kane*, temos também filmes recentes e/ou inusitados, como *O Máskara*, *Pulp Fiction*, e *Pinóquio*.

Essa variedade de textos, compilados e acompanhados de uma interessante fortuna crítica, foi publicada pela editora da UFSC em 2020 e intitulada *100 anos em 100 filmes: escritos sobre cinema*, demonstram a versatilidade de Valêncio Xavier. O autor, que enuncia (com orgulho, acredito) que “uma mentira minha vale por dez verdades tuas” (XAVIER, 1998, p. 207) não deixa de ser autor de literatura ao escrever essas resenhas de filmes. Também não deixa de ser cineasta, obviamente. Em outras palavras, não deixa de utilizar seus artifícios para contar as “mentiras” comuns ao fazer literário e ao fazer cinematográfico. De modo a entender as resenhas da coletânea como uma única obra, a perspectiva adotada foi a de que a técnica da montagem permeia tanto 100 anos em 100 filmes como o fazer literário do autor.

Tanto o livro (em suas variadas apresentações, impressas ou não) como o seu conteúdo (no caso, a compilação dos comentários sobre os filmes) e os filmes analisados são exemplos de tecnologias cristalizadas pela experiência humana ao longo do tempo. Tais tecnologias “se apresenta(m), pois, como uma realidade multifacetada: não apenas em forma de objetos e conjunto de objetos, mas também como sistemas, como processos, como modos de proceder com certa mentalidade” (CUPANI, 2011, p. 12). As diversas expressões artísticas são, portanto, exemplos de tecnologia e do uso consciente de diversas técnicas. Nesse caso, a pesquisa e análise de textos de Valêncio Xavier sobre cinema é estudar um autor multimídia, que utiliza variadas tecnologias (que se complementam) para escrever seus livros: basta ver a presença de recortes de jornais e frames de filmes que compõem suas narrativas literárias.

Retomar e visitar um artista como Valêncio Xavier é contribuir para que seu trabalho, multifacetado, não seja relegado ao esquecimento. Sua obra é, ao mesmo tempo, local, paranaense e universal; dialoga com os mais diversos leitores. Analisar seus textos sobre cinema para a *Gazeta do Povo* culmina, é inevitável, em apreender esse autor pelas suas outras faces, muitas vezes deixadas de lado, e também em trazer para o debate e para a pesquisa acadêmica textos que, anteriormente, eram de circulação apenas estadual.

Optar por analisar essa produção de V. X. é também optar por falar de cinema. Se comparado às outras, o cinema é uma das mais recentes artes, ainda não tendo alcançado 150 anos de existência. É uma arte que podemos buscar precisamente suas origens e sua gênese. Como escreveu Roman Jakobson no contexto do ano de 1933,

[...] assistimos à gênese de uma nova arte. Ela cresce a olhos vistos. Desvincula-se da influência das artes precedentes; começa já a influenciá-las. Cria suas normas, suas leis e em seguida, com determinação as subverte. Torna-se um poderoso instrumento de propaganda e de educação, um fato social cotidiano, de massa; ultrapassa nesse sentido todas as outras artes (JAKOBSON, 1970, p. 153).

O cinema, portanto, é uma das primeiras artes a ter seu início fortemente documentado. É, em certa medida, uma expressão artística acessível e democratizada; para assistir filmes que já se tornaram domínio público basta ter acesso à internet. Há produções também para todos os gostos: superproduções hollywoodianas com milhões de dólares de orçamento; filmes independentes; filmes de diferentes gêneros, de diferentes países e até em diferentes formatos. Essa variedade está presente na seleção de filmes feita por Valêncio Xavier.

Estudar textos de um romancista e cineasta sobre os 100 anos do cinema é estudar sobre os diversos processos pelos quais passou a sétima arte, é estudar sua história e suas influências nas artes. É também estudar a produção desse autor e de que maneira sua obra foi influenciada pelas películas com as quais teve contato.

O AUTOR, O CINEASTA: MOVIMENTOS DE RETOMADA

Valêncio Xavier costuma ser lembrado pelo que é considerada sua obra-prima: a novela *O mez da gripe*. Na obra, o autor elabora uma única narrativa a partir de recortes de jornais de um momento histórico de Curitiba (e também do mundo): a epidemia de gripe espanhola. São recortes de jornais curitibanos ao longo de três meses (outubro, novembro e dezembro) do ano de 1918. O ficcional e o histórico se confundem, o verbal e o imagético colidem de modo a apresentar uma narrativa ao mesmo tempo polifônica e coesa, uma colagem sobre morte, história e memória. É possível perceber, portanto, o estilo característico do autor nesse romance.

Entretanto, não é somente pela sua escrita literária que Valêncio Xavier é lembrado. Há, no Cine Passeio – cinema de rua localizado no centro de Curitiba e inaugurado em março de 2019 – a sala Valêncio Xavier. Além do espaço e sala de cinema dedicados ao autor, também é possível ler, emolduradas nas paredes do andar inferior, algumas das resenhas de filmes escritas pelo autor para o projeto *100 anos em 100 filmes* para o jornal *Gazeta do Povo* em 1995. Resenhas de filmes como *Rashomon*, *Cidadão Kane* e *2001: uma odisséia no espaço* são exemplos de textos exibidos para todos os visitantes do cinema de rua. O ano de 2020 vê o lançamento da compilação dessas resenhas de *100 anos em 100 filmes* pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina, com estabelecimento do texto e organização pela professora Maria Salete Borba, da Universidade Estadual do Centro-Oeste. A coletânea tem distribuição gratuita em formato .pdf, e o link para

download se encontra nas referências. Um apêndice acompanha os mais de 100 textos do autor sobre cinema, composto por uma fortuna crítica escrita por diversos pesquisadores.

Movimentos de retomada de obras de arte e fortuna crítica, como as realizadas pelo Cine Passeio e pela professora Maria Salete Borba são essenciais para conservação de produção bibliográfica e cultural. E tal escolha não se dá por acidente. Escolher esses textos é destacar que sua leitura ainda comunica na atualidade. Sua pesquisa e apreciação estética, mesmo passados quase 20 anos de sua primeira publicação, dialogam com o público do século XXI. Da mesma maneira, Valêncio Xavier considerou a atualidade e a relevância dos filmes selecionados para escrever seus textos.

CINEMA/ LIVRO: MONTAGEM/ COLAGEM

O Mez da gripe e *Maciste no inferno* são exemplos da obra de Valêncio Xavier que demonstram como a colagem é um traço constante em sua literatura.

Colagem é um termo que passa a ser utilizado na área das artes a partir do advento do cubismo no início do século XX. Foram os artistas cubistas que “começaram a utilizar métodos que subverteram o modo convencional de pintura com o uso da tipografia e a subsequente inserção de materiais poucos [sic] convencionais à linguagem, dando início ao uso da colagem na produção artística” (SOUZA & COSTA, 2019, s/p).

Ao analisar obras tridimensionais de artistas plásticos, Souza e Costa apresentam chaves de leitura interessantes que podem servir também à obra de Valêncio Xavier, como por exemplo:

em seu trabalho ‘Hoje é sempre Ontem’, de 1972, Duke Lee não se limitou à ação de recortar e colar, mas também houve uma maneira de construir um discurso a partir dessas imagens sobrepostas [...] através da mistura dessa desordem, faz surgir algo novo [...] sobreposições [...] através da justaposição de materiais (2019, s/p).

É possível apreender que palavras como “recortar”, “colar”, “sobreposição”, “mistura”, “desordem”, “justaposição” e “novo” são correlatas à colagem. Esses termos podem ajudar na leitura de uma das páginas da novela *O mez da gripe* (figura 01):



Figura 01: página 17 de *O mez da gripe* e outros livros (XAVIER, 1998, p. 17)

Nesse trecho, temos o recorte de um jornal curitibano de 1918, durante a epidemia de gripe espanhola. O recorte, porém, não contempla a página inteira do jornal original. Não é possível ler nenhuma das matérias por completo. Essa desordem e justaposição de diferentes discursos permeiam *O mez da gripe* assim como a obra de Valêncio Xavier. A colagem, então, pode ser entendida como as “possibilidades de acúmulo, sobreposição, ressignificação, entre outras variáveis que permitem sua experimentação e exploração dessa linguagem para assuntos incontáveis” (SOUZA & COSTA, 2019, s/p). O próprio Xavier se utiliza dessa variedade de assuntos e discursos para compor seus romances: frames de filmes, fotos de jornal, notícias, peças publicitárias, ilustrações. São incontáveis exemplos (incontáveis assim como os assuntos abordados).

Se a colagem utiliza “partes” de outras obras visuais para montar um novo discurso nas artes plásticas, a montagem no cinema opera um movimento semelhante: cenas da película são editadas para que a obra audiovisual torne-se um texto único, coeso, integrado e uniforme. Para Mourão, pela montagem, ou seja, pela

maneira como o cinema articula e aproxima as imagens e os sons que verificamos sua transformação em discurso. Criam-se novos sentidos,

uma nova lógica onde os significados não são transparentes, nascida da associação de fragmentos. Justapõem-se duas realidades: a da vida propriamente dita e a do filme, a do discurso e, ainda dentro do filme, a justaposição de planos determinando novas leituras das imagens” (MOURÃO, 2006, p. 2)

É novamente presente a ideia de justaposição e reorganização de ideias, imagens e textos diferentes, de maneira a criar algo novo e coeso. A montagem, portanto, é um dos pontos de contato das obras literárias de Valêncio Xavier e o cinema.

É essa intersecção – proporcionada pelo encontro de montagem, colagem e as narrativas de Valêncio Xavier – a chave de leitura adotada por esse trabalho para análise dos textos de *100 anos em 100 filmes*.

100 anos em 100 filmes não é, originalmente, um livro. Os textos de Valêncio Xavier foram publicados periodicamente no jornal *Gazeta do Povo* ao longo de mais de 4 meses no ano de 1995. Entretanto, os mais de 100 textos sobre cinema fazem parte de um único projeto, coeso, resenhando 100 filmes (e outras obras correlatas) lançados entre os anos de 1895 (mais especificamente, 1893, já que uma das películas resenhadas é anterior à exibição pública dos Irmãos Lumière) e 1995. Os textos são tornados livro somente em 2020, com a organização feita pela professora e pesquisadora Maria Salete Borba e publicada pela editora da UFSC em 2020.

Um fio-condutor lógico deve conectar os 100 textos de Valêncio Xavier sobre cinema. Uma primeira hipótese seria a de um filme por ano, afinal, à época da publicação dos textos comemorava-se os 100 anos da primeira exibição pública de cinema. Por mais que os filmes sejam bem distribuídos ao longo desses 100 anos de história, há anos não contemplados (1987, 1951, 1936 para citar alguns exemplos), assim como há anos repetidos (1939 com duas entradas, *No tempo das diligências* [XAVIER, 2020, p. 43] e *E o vento levou* [XAVIER, 2020, p. 45]). Ademais, os textos não foram publicados em ordem cronológica: no mês de agosto de 1995, por exemplo, é publicada a resenha de 2001 -- *uma odisséia no espaço*, filme de 1961 (XAVIER, 2020, p. 38), já no mês de setembro de 1995 é publicada a resenha de *Nanook, o esquimó*, filme de 1922 (XAVIER, 2020, p. 58).

Não há, inclusive, organização temática: de uma resenha de *Deus e o diabo na terra do sol* em que Xavier comenta o Cinema novo brasileiro (XAVIER, 2020, p. 68) passamos a uma resenha de *Kagemusha* comparando o filme de Akira Kurosawa aos filmes de faroeste (XAVIER, 2020, p. 69). Essa variedade de filmes, nacionalidades, temas e abordagens de Valêncio Xavier se estende por todo o projeto.

Ao longo dos textos, nada indica, também, se tratar de uma lista de 100 filmes essenciais, ou 100 filmes do pior ao melhor: há até filmes que servem como um contraponto à opinião do autor. *Apocalypse now*, por exemplo, é para o autor um filme que nas peças publicitárias se promove como antibelicista e antimilitarista, enquanto o próprio filme apresenta a ideia oposta em sua narrativa. Para Valêncio Xavier, o romance em que o filme foi baseado (*Coração das trevas*, de Joseph Campbell) é mais antibelicista e antimilitarista (XAVIER, 2020, p. 122). Há muitas resenhas em que Xavier analisa também filmes correlatos na mesma resenha, comparando obras distintas em um mesmo texto.

Não há, aparentemente, um fio condutor que conecte os filmes escolhidos por Valêncio Xavier de maneira explícita. É possível inferir, porém, que a curadoria de Valêncio Xavier fundamentou-se na escolha de filmes que o autor gostaria de comentar de alguma forma, fosse esse um comentário técnico, de cineasta; entusiasta, de um fã; ou até mesmo criativo, de um artista. É possível apreender as escolhas e abordagens de Valêncio Xavier como a escolha por uma perspectiva de amador na escrita dessas resenhas/comentários.

Para Ângela Maria Dias, professora e pesquisadora de literatura,

100 anos em 100 filmes explora o fetiche das imagens e das formas na criação de um museu imaginário ou ainda de uma 'enciclopédia mágica', em que as relações funcionais das histórias são abandonadas em favor de um novo regime de distâncias e correspondências (XAVIER, 2020, p. 214).

Esse “novo regime de distâncias e correspondências” aproxima os filmes resenhados / analisados sem uma lógica precisa, se não a do interesse do autor em falar sobre essas obras e não sobre outras. Concomitante à essa liberdade de organização, a pesquisadora entende que

o ponto de vista adotado por Valêncio consubstancia a posição [...] do amador. [...] A partir da experiência do filme individualizado para uma ampla viagem intelectual e afetiva, constitui um vívido testemunho do seu entusiasmo. O investimento num percurso informal, tecido a comentários descontraídos e a divagações despreziosas, processa o enlace do cinema com a reflexão sobre a história do século, por meio da paixão das imagens e do comentário de suas técnicas e procedimentos (XAVIER, 2020, p. 205).

Esse percurso informal, amador, também é percebido por Luiz Felipe G. Soares, que considera os textos de Xavier “o extremo oposto da crítica” (XAVIER, 2020, p. 217). Tal posição fica evidente pela informalidade (e, às vezes, imprecisão) com que Xavier, apesar de ser ele próprio um cineasta, comenta os filmes escolhidos: rememora fatos históricos curiosos, segredos dos bastidores, análises de outros estudiosos sobre determinados filmes. Cada texto seu é breve e, em certa medida único, tornando mais complicada a procura por uma coesão ou fio condutor desta compilação de textos. Porém, tal opção por textos mais acessíveis e menos técnicos tornam a leitura leve e apropriada para o caderno de entretenimento de um jornal.

BUSCA POR UM FIO CONDUTOR – CONCEITOS E TERMOS RECORRENTES

Apesar de não ser óbvia a delimitação de um fio condutor que conecte todos os filmes analisados (além da escolha subjetiva do autor por filmes lhe chamaram atenção ao longo desses 100 anos), uma análise de temas e termos recorrentes na análise dos filmes feita por Valência Xavier se mostrou promissora.

A pesquisa por termos ocorreu da seguinte maneira: no software de leitura de arquivos .pdf Foxit Reader utilizei a ferramenta de busca de palavras, marcando a opção whole words only de modo a encontrar somente resultados idênticos. Ignorei, obviamente, os resultados pertencentes aos ensaios e textos de

apresentação escritos por outros autores e autoras que acompanham a obra organizada por Maria Salete Borba e acompanham essa edição.

Importante ressaltar também a estrutura dos textos de Valêncio Xavier: há 129 textos que compõem a coleção: desses, 114 são resenhas de filmes escolhidos pelo autor, publicados de seis em seis no Caderno G do jornal Gazeta do Povo. Esses 114 textos são todos divididos em dois, o parágrafo maior com a resenha e outro parágrafo menor com a ficha técnica do filme (ou filmes) em questão (figura 02). Os outros 15 textos são compostos por sugestões / análises de livros relativos ao cinema, impressões de Valêncio Xavier sobre ícones do cinema -- James Dean (XAVIER, 2020, p. 92) e Frank Sinatra (XAVIER, 2020, p. 187) --; e um conto (XAVIER, 2020, p. 29) sobre o bombardeio (real) de navios na costa brasileira por um submarino alemão no ano de 1942, sobre um menino que se fantasia de Zorro (personagem justiceiro popularizado pelo cinema) e sobre uma cena do filme *Now, voyager* – que, segundo o autor, se passa na cidade do Rio de Janeiro. O conto que abre esse projeto é uma montagem / colagem com temas comuns ao cinema e ao Rio de Janeiro: uma cena de filme, um evento histórico da Segunda Guerra Mundial, um menino na orla. Todas essas diferentes camadas trabalhando em conjunto para contar uma única história.

2001: uma odisseia no espaço⁷

(1968)

Na aurora da humanidade, macacos lutam pela sobrevivência. Descobrem um grande monólito negro. Ao examiná-lo, um macaco, talvez sob influência do monólito, usa um osso como arma e mata um macaco, em disputa por um poço de água. Joga o osso para cima, caindo em câmera lenta o osso funde com uma astronave de passageiros levando um cientista para a Lua; lá ele examina o monólito emitindo misteriosos sinais de rádio. Dois astronautas, Poole e Bowman seguem para pesquisar os sinais do monólito. Hal o computador falante comanda os sistemas eletrônicos da nave. Os dois desconfiam que Hal está sabotando a viagem. Poole morre num acidente arranjado por Hal. Bowman desconecta os circuitos de Hal, que, em mensagem final, diz serem os sinais de rádio oriundos de Júpiter. Ao aproximar-se do planeta, Bowman entra numa psicodélica espiral espaço/tempo, acorda envelhecido num quarto estilo Luís XIV onde está o monólito que o transforma em feto flutuando no espaço infinito. O que quis dizer Stanley Kubrick com essa parábola espacial rica em efeitos espaciais, lançada na época da rebeldia dos jovens, do movimento *hippie*, das drogas, da guerra do Vietnã? Seria *2001* a bíblia psicodélica daqueles/destes tempos conturbados? Ele mesmo responde: "Todos são livres para pensar o que quiser da mensagem do filme".

2001: UMA ODISSEIA no espaço (*2001: a space odyssey*). [Filme]. Direção de Stanley Kubrick. Roteiro de Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke de *A sentinela*, de Clarke. Fotografia de Geoffrey Unsworth e John Alcott. Música de Richard e Johann Strauss, Aram Khachaturian e Ligeti. Efeitos de Kubrick, W. Vevers e Douglas Trumbull. EUA, 1968 (141 min), son., color. Disponível em vídeo.

⁷ XAVIER, Valêncio. 2001: uma odisseia no espaço – 1968. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 17 ago. 1995. Caderno G, p. 8.

Figura 02: Exemplo de uma das resenhas da edição organizada por Maria Salete Borba (XAVIER, 2020, 38). O primeiro parágrafo, maior, contém a resenha; o segundo parágrafo, menor, contém a ficha técnica do filme. Todas as resenhas de filmes seguem essa estrutura.

Optei pela chave de leitura da montagem e da colagem por considerá-las constantes na obra de Valêncio Xavier. Sendo assim, a busca pelo termo colagem no arquivo retorna apenas três resultados, dois deles nos textos de Xavier: ambos no texto sobre o filme *Ladrões de bicicleta* (XAVIER, 2020, p. 67). O uso do termo se dá pela ocupação do protagonista, que cola cartazes pela cidade no pós-guerra. Sendo assim, não interessa à nossa análise.

Já o termo montagem apresenta um resultado muito mais interessante: 192 aparições. Entre essas, 72 nos textos de Valêncio Xavier. Dentre estas 72, 42 vezes o termo aparece na ficha técnica (seguida pelo nome do profissional responsável pela montagem do filme) e as outras 30 vezes ao longo das resenhas.

Comparando a recorrência de alguns termos somente na ficha técnica, temos: montagem, conforme mencionado, com 42 resultados; fotografia, por um erro de leitura do arquivo em .pdf, não retorna resultados, porém ao, desmarcar a opção *Whole words only*, temos 94 resultados, entendidos pelo programa como fotografia; o termo direção retorna 115 resultados, sendo um deles com o significado de “em sentido a”, enquanto os outros 114 resultados remetem ao sentido cinematográfico, do profissional que dirige e assina o filme; roteiro, 102 resultados; elenco, 88 resultados; trilha sonora, somente 1 resultado; e, por fim, música com 77 resultados.

A constância do termo montagem nas fichas técnicas é inferior à da maioria dos outros termos pesquisados. Como é possível observar no gráfico a seguir (figura 03), a montagem aparece em sexto lugar entre as palavras escolhidas, atrás de termos mais comuns, em ordem decrescente: direção, roteiro, fotografia, elenco e música. Montagem é apenas mais comum do que o item trilha sonora, com apenas uma aparição. Os resultados podem ser melhor visualizados no gráfico da figura 03, organizado de maneira de decrescente:

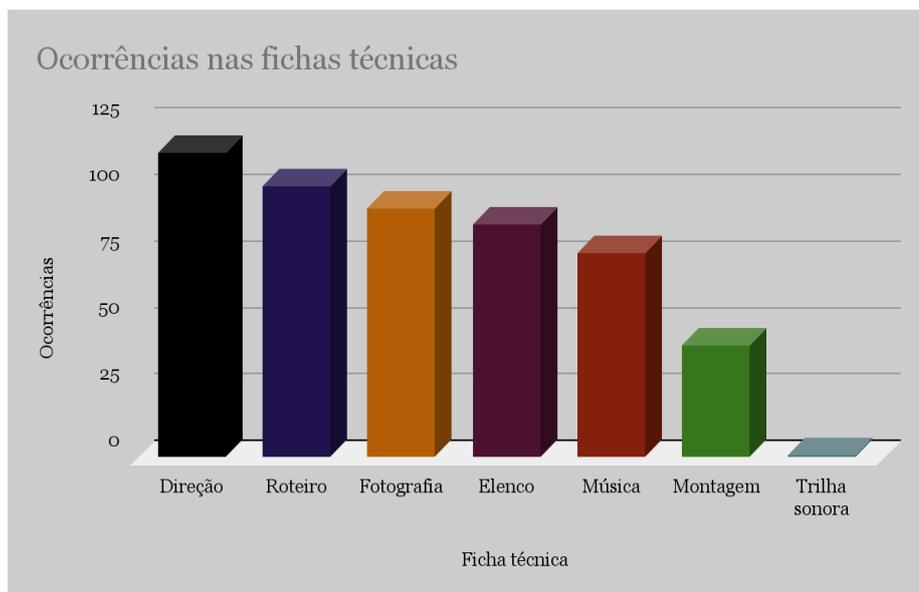


Figura 03: Gráfico com a recorrência dos termos relativos a cinema nas fichas técnicas dos filmes resenhados por Valêncio Xavier.

Não surpreende que termos como direção, roteiro e fotografia sejam os mais comuns nas fichas técnicas entre os selecionados para a pesquisa, principalmente o termo direção em primeiro lugar: todo o filme é assinado por uma ou mais

pessoas, responsáveis por juntar as várias etapas de produção em um objeto único. Há também, entre essas aparições do termo, diretores de outras áreas de um mesmo filme: “direção de fotografia”, “direção de arte”, entre outras. Esperado também que essa informação apareça na ficha técnica de um filme, seguida do nome do ou da profissional.

Entretanto, a pesquisa dos mesmos termos nas resenhas dos filmes apresenta um resultado distinto: montagem aparece 30 vezes; fotografia (novamente com o erro de leitura) retorna 11 resultados; direção, também 11 resultados, sendo dois deles com o significado de “em sentido a”; roteiro, 18 resultados, sendo um deles parte de um título de um livro; elenco, 6 resultados, trilha sonora com apenas 1 resultado novamente; e, por fim, música com 25 resultados, sendo um deles ainda no conto que abre a coleção. Os dados são melhor visualizados no gráfico a seguir (figura 04):

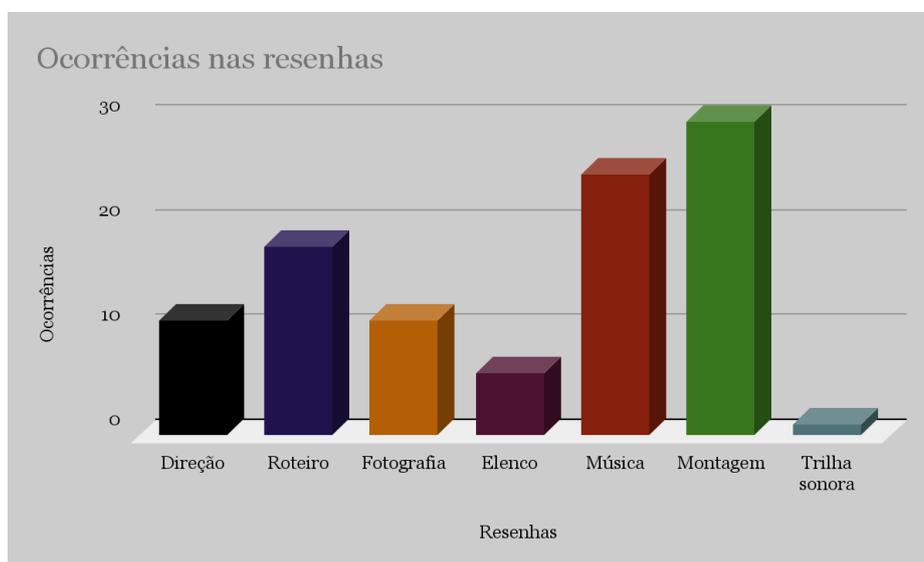


Figura 04: Gráfico com a recorrência dos termos relativos a cinema nas resenhas escritas por Valêncio Xavier.

Ao quantificar a recorrência dos termos nas resenhas no lugar das fichas técnicas, os dados obtidos são completamente diferentes: montagem ocupa o primeiro lugar, seguido pelo termo música, depois roteiro, direção, fotografia, elenco e, novamente em último lugar, trilha sonora. Cabe elucidar o motivo dessa inversão.

Montagem, aparecendo três vezes mais do que o primeiro lugar dos termos recorrentes nas fichas técnicas (direção), evidencia que a montagem é um dos elementos que Valêncio Xavier mais elabora em suas resenhas e comentários. Assim como em sua obra literária, permeada pela colagem, pela justaposição de diferentes textos e imagens, Xavier analisa os filmes sempre pela chave de leitura da montagem e da colagem, reiterando assim, a importância dessa reorganização de diferentes cenas, espaços, textos para construir um novo (e uno) todo. Tal perspectiva é reforçada pela epígrafe escolhida por Borba, da autoria do próprio Valêncio Xavier, para abrir seu projeto de organização:

Sou da teoria de que todos nós vemos os nossos filmes, e não aquele que está na tela. Se um dia fôssemos juntos ao cinema, você iria ver o seu filme, muito diferente daquele que eu estiver vendo, e do que o

espectador ao seu lado está assistindo, o que está ao meu lado poderia até ter dormido justamente naquele momento que mais me emocionou. Tudo que acontece só acontece dentro de um de nós. E não tem coisa mais fácil do que contar o que está dentro de nós. Além de ser divertido, podemos até controlar o que vamos contar para não acabar atrás das grades, ou no hospício (XAVIER, 2020, p. 5).

Valêncio Xavier, ao comentar os filmes para a Gazeta, inevitavelmente se apropria dessas obras. O autor/comentarista utiliza os métodos da montagem e da colagem para comentar seus filmes (afinal, “nós vemos os nossos filmes”). Dessa maneira, escreve um metalivro que trata da montagem no cinema composta por um processo de montagem de diferentes textos e filmes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizei, no presente trabalho, uma análise quantitativa, da recorrência numérica dos termos ao longo dos 129 textos de 100 anos em 100 filmes, de modo a traçar um fio condutor que ligasse todos os textos da coletânea. Optei pela análise quantitativa para fundamentar minha perspectiva e análise qualitativa, de que a obra (romances, filmes, resenhas) e o estilo de Valêncio Xavier são permeados pela colagem e pela montagem.

Termino reiterando que é possível que Valêncio Xavier tenha escrito um livro sem o formato de livro: os textos de 100 anos em 100 filmes apresentam o seu estilo de jornalista, de cineasta e também de autor de literatura. Se utiliza de recortes, justaposições e ressignificações de textos já existentes para criar algo novo, por meio de um metalivro que nem era livro: textos que tratam de cinema e montagem, concebidos pela ótica/perspectiva de um autor afeito pela montagem e pela colagem em seus trabalhos. Um livro que ainda viria a ser, só lhe faltava o suporte e organização de livro.

Um filme só se torna efetivamente um filme após ter suas cenas, sons, e partes reorganizadas na pós-produção; os romances de Valêncio Xavier só se tornam romances de Valêncio Xavier após a reorganização (colagem) realizada pelo autor, de textos e imagens provenientes de diferentes lugares. Por fim, 100 anos em 100 filmes, esse projeto que veio a ser um livro sobre montagem mesmo que originalmente não o fosse, é produto dessa montagem / colagem de comentários e resenhas sobre filmes de diferentes épocas e locais construindo um único livro.

100 anos em 100 filmes: montage in Valêncio Xavier

ABSTRACT

This article analyzes 100 anos em 100 Filmes: escritos sobre cinema, a collection of texts by Valêncio Xavier published in 1995 in the newspaper Gazeta do Povo, in celebration of the 100th anniversary of the first public screening of cinema by the Lumière Brothers. Although these texts were published on different dates and make sense individually, they were analyzed to reveal a possible organization that makes them a unified, cohesive literary work. The aim was to identify a thematic thread that runs through 100 Years in 100 Films. The methodology involved examining the frequency of terms related to cinema (direction, cinematography, script, cast, music, editing, and soundtrack) across the reviews and technical notes to pinpoint a potential unifying thread connecting the more than 100 writings in the collection. Finally, due to their recurrence, the concepts of montage and collage were used to analyze Valêncio Xavier's texts. By frequently employing montage in his writings, the author creates a meta-book that addresses montage through the technique of montage itself, highlighting both Valêncio the author and Valêncio the filmmaker, critic, and cinema enthusiast.

KEYWORDS: Literatura. Cinema. Montage. Collage. Critical review.

REFERÊNCIAS

CUPANI, Alberto. Filosofia da tecnologia: um convite. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

DIAS, Ângela Maria. Valêncio Xavier: o minotauro multimídia. Rio de Janeiro: Editora Oficina, 2016

JAKOBSON, Roman. Linguística. Poética. Cinema. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

MOURÃO, Maria Dora Genis. A montagem cinematográfica como ato criativo. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 33(25), 229-250. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65628> Acesso em: 05 maio 2024.

SOUZA, Matheus Muniz Lourenço de & COSTA, Lucas Ribeiro de Melo. As relações técnicas e conceituais entre a pintura e a colagem. arte | ref. 2019. Disponível em: <https://arteref.com/artigos-academicos/artigo-sobre-as-relacoes-entre-a-pintura-e-colagem/> Acesso em: 05 maio 2024.

UBIRATAN, Brasil. Borges admirava faroestes e a Lua. Estadão. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,borges-admirava-faroestes-e-a-lua,459123> Acesso em: 05 maio 2024.

washingtonparkchess. Slavoj Zizek on James Cameron's "Titanic" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RHAWcozS0lk> Acesso em: 05 maio 2024.

XAVIER, Valêncio. O mez da gripe e outros livros. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

XAVIER, Valêncio. 100 anos em 100 filmes: escritos sobre cinema. Estabelecimento do texto e organização, Maria Salete Borba. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/208388#:~:text=O%20objetivo%20desta%20edi%C3%A7%C3%A3o%20cr%C3%ADtica,do%20cinema%2C%20come%20morados%20em%201995.> Acesso em: 05 maio 2024.

Recebido: 19 mai. 2023.
Aprovado: 30 jul. 2024.
DOI: 10.3895/rde.v15n25.16974

Como citar: MARQUES, T.M. 100 anos em 100 filmes: montagem em Valêncio Xavier. Dito Efeito, Curitiba, v. 15, n. 25, p. 17-31, jan./jun. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

